

MARIO ABEL BRESSAN JUNIOR

marioabelbj@gmail.com

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA, BRASIL

O DÉJÀ-VU NA TELEVISÃO: ENUNCIÇÕES DE UMA MEMÓRIA TELE-AFETIVA

RESUMO

Esta investigação objetiva discutir a função da memória nos telespectadores, ao estabelecer uma relação tele-afetiva formada por uma programação *déjà-vu*. Apresenta uma proposta conceitual para os termos memória afetiva e memória tele-afetiva, ao analisar os comentários postados no Twitter, entre os dias 24 e 29 de agosto de 2015, sobre a telenovela *Cambalacho*, reexibida no Canal Viva. Como procedimentos metodológicos, além do referencial bibliográfico, aplica a análise de conteúdo de Laurence Bardin, classificando e categorizando os dados por critérios semânticos. Nas considerações finais, expõe que a memória afetiva se manifesta nas experiências emocionais e de afetos advindos das recordações coletivas e que a televisão estabelece uma relação tele-afetiva com a audiência por trazer reminiscências, funcionar como um lugar de revisitação e proporcionar efeitos socializadores e pulsantes por meio da memória, estabelecendo novas perspectivas sobre interação e recepção da programação.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação; televisão; memória; memória afetiva

INTRODUÇÃO

As lembranças coletivas, bem como a identidade social dos indivíduos, marcam uma trajetória de tempo e espaço. Mesmo sendo subjetiva, a memória é um tipo de narrativa que volta a ser lembrada com as percepções e lembranças.

A lembrança e a percepção estão juntas, uma depende da outra para acontecer, como explicado por Bergson (1999). Para ele, as “nossas percepções estão certamente impregnadas de lembranças, e inversamente uma

lembrança (...), não se faz presente a não ser tomando emprestado o corpo de alguma percepção onde se insere” (Bergson, 1999, p. 70). Desta forma, diz o autor, a memória fica inseparável da percepção, intercalando o passado no presente, condensando momentos variados e que, com isso, percebamos em nós a matéria, ou seja, o conjunto de imagens e a sua relação com os objetos exteriores.

É nesta necessidade de compreender a relação da memória e como esta afeta a audiência televisiva que este artigo se justifica. Na televisão, especificamente no Canal Viva¹, o que se vê são estes arquivos sendo exibidos tempos depois, evocando uma memória que, para nós, é afetiva. Há um prazer ao reassistir a um programa. Se a recordação é um dos elementos que explicam como vivemos o presente, como dito por Huyssen (2000), é preciso olhar para o atual telespectador, percebendo a importância que este tipo de programação possa ter sobre a sua construção de identidade e na sua relação com o mundo em que vive.

Estudar esta relação afetiva e emocional da memória dos telespectadores nos interessa para compreendermos como isso pode alterar um comportamento e as reações vindas de uma programação que é reexibida tempos depois.

Neste cenário, a função que a memória traz para o contexto televisivo merece ser investigada, visto que a TV pode ser um meio condutor de lembranças, por isso, esta pesquisa objetiva discutir a função da memória nos telespectadores do Canal Viva e responder de que forma ela estabelece uma relação tele-afetiva formada por uma programação *déjà-vu*. Além disso, apresenta uma proposta conceitual para os termos memória afetiva e memória tele-afetiva. Para obter estes resultados, analisa as falas da audiência publicadas no Twitter, entre os dias 24 e 29 de agosto, semana de estreia da telenovela *Cambalacho*.

Como embasamento teórico, apresentamos alguns conceitos sobre televisão, aspectos inadvertidos e socializadores da TV, memória, memória coletiva e afetividade. Como principais autores, utilizamos Wolton (1996), Ferrés (1998), Halbwachs (2003), Bergson (1999) e Le Breton (2009). Como metodologia aplicamos a análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011), categorizando e classificando as falas dos telespectadores em cinco grupos: ativação, satisfação / insatisfação, diversão, recordação e informação. No entanto, como recorte, este estudo analisa os tweets agrupados no contexto recordação.

¹ Canal fechado, do grupo Globosat, que em maio de 2016, completou seis anos no ar. Estreou no dia 18 de maio de 2010. Consiste numa programação que, na sua maioria, pertence ao arquivo da Rede Globo de Televisão (Brasil).

TELEVISÃO: IMAGEM, EMOÇÃO E SOCIALIZAÇÃO

“Com a televisão foi o milagre da imagem”, já descrevia Wolton (1996, p. 5) referente ao aparelho técnico que revolucionou o contexto da informação, da cultura e da comunicação. Dentre todos os meios de comunicação de massa, foi a TV a responsável por trazer a imagem e som num sistema de emissão, transmissão e recepção da informação. Ela é uma instituição social, pública ou privada, distribuidora de imagens, como conceituado por Orozco (2014).

Falamos em imagem por ser este um dos fatores para o sucesso da televisão e que, para Wolton (1996), consiste em um conjunto, uma diversidade e uma oferta contínua de cenas², que são oferecidas a um grande público que é anônimo e heterogêneo. Para o autor, “debruçar-se sobre o *status* da imagem de televisão é, portanto, debruçar-se sobre o que está na origem do seu sucesso e que temos a tendência de esquecer, de tal forma banalizou-se a televisão” (Wolton, 1996, p. 67).

Dentro de uma visão sociológica, para Wolton (1996), o problema essencial da televisão é manter a relação entre o consumo individual de uma ação que é coletiva. São as duas dimensões contraditórias que fazem o seu sucesso. Consiste em oferecer algo particular em uma atividade que é coletiva, “é a aliança bem particular entre o indivíduo e a comunidade que faz dessa técnica uma atividade constitutiva da sociedade contemporânea” (Wolton, 1996, p. 15). Sozinhos e em casa, acompanhamos uma programação para nos satisfazer, mas que é produzida para um grande grupo e isso pode ser um desafio, visto que possuímos preferências distintas em relação ao formato e gênero televisivo.

O público é dos elementos que se destaca na composição intelectual para entender melhor a forma e modo de se fazer TV. O telespectador sempre foi alvo do que se produziu, desde os primeiros programas exibidos. Para Wolton (1996), apresentam-se como o único adversário da TV, no sentido de que é difícil de entender o que queremos e o que buscamos.

Compreender o que quer e quem é este público se faz necessário para o futuro do meio. Há, como dito por Wolton (1996), os que buscaram entender o caminho da fragmentação do público e os que, assim como ele, pensaram que a grande força da televisão está na incerteza do encontro entre oferta e procura. Ferrés (1998) destaca que é importante reconhecer que a televisão provoca um efeito inconsciente nas pessoas e que é preciso

² A palavra cena é usada neste texto como sinônimo de imagem, imagens que são reproduzidas e transmitidas em cenas na televisão.

compreender que existe uma força sobre nosso comportamento, só assim estaremos pensando sobre os efeitos socializadores da televisão.

No telespectador, a televisão influi nas decisões e crenças em função destes recursos emocionais e isso reflete na sua percepção de como vê a realidade e o que está em sua volta. “A percepção da realidade está condicionada não apenas por esquemas culturais como também por esquemas emocionais” (Ferrés, 1998, p. 30). Uma mesma realidade pode ser percebida de forma diferente, em função das atitudes pessoais que em alguns momentos não são conscientes.

Na experiência televisiva, explica o autor, ocorre um efeito aparentemente inofensivo, mas que é real, por não pensarmos no fato de como a TV pode condicionar nossas emoções. Há o efeito placebo (Ferrés, 1998), que elabora sintomas terapêuticos, os quais não esperamos, graças às experiências que passamos ter ao assisti-la.

A proposta de Ferrés (1998) é refletir sobre a transposição da emoção sobre a razão, como isso interfere no processo de socialização e até que ponto a paixão engana o pensamento e a consciência é traída pela comunicação inadvertida. Para ele, a nossa racionalidade não deve ser pensada como única forma de convivência. As emoções potencializam e contradizem a razão, por isso, é preciso ver, também, até que ponto os meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, exercem, com elas, aplicações mais socializadoras do que a razão.

EMOÇÕES E RECORDAÇÕES COLETIVAS: O ENTENDIMENTO DA MEMÓRIA AFETIVA

Mesmo sendo uma atividade individual, a memória é formada pela participação do indivíduo em grupos, define Halbwachs (2003). Este fato ocorre, porque, para ele, as pessoas lembram-se de situações que são e foram constituídas em grupos de referências. Estudar a memória como ela é, não é a pretensão de Halbwachs, destaca Bosi (1994), mas sim observá-la em função de seus “quadros sociais”. Para o filósofo, “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (Bosi, 1994, p. 54). É nestes grupos que ocorre a formação do pensamento, ou seja, lembranças começam a ser formadas em cada um de nós ao viver um fato ou cenas que aconteceram por estarmos sempre em contato com grupos de referências.

A presença do indivíduo em um grupo não necessariamente deve ser física, mas na forma de como este adota para retomar as formas de pensamentos e as vivências proporcionadas pelo grupo. “Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (Halbwachs, 2003, p. 31). Esta participação coletiva vai além da presença física, está ligada as outras formas de “estar junto”. É pela lembrança que, segundo Halbwachs (2003), ocorre o reconhecimento e isso acontece em função do *déjà-vu*, muitas vezes manifestado pelas experiências citadas acima. *Déjà-vu* este de Bergson (1999), que reconfigura um reencontro, um novo desenho sobre o que foi visto pela primeira vez. Halbwachs (2003) explica que consiste em um resgate do que foi vivido, são vivências que retornam e estão inseridas num espaço, em um tempo e nos grupos de referências, de relações sociais a que pertence o sujeito.

Quando nos deparamos com estes reencontros, nossas percepções e lembranças podem aparecer de forma afetiva e evocar reações significativas. “O homem está afetivamente presente no mundo”, diz Le Breton (2009, p. 111). O simples fato de existir provoca um contínuo fluxo de sentimentos que podem ser mais ou menos vivos e pode mudar de acordo com as circunstâncias.

São os afetos que simbolizam a permanência, a relação do homem com o mundo e a sua intimidade inserida nos acontecimentos do cotidiano, explica Le Breton (2009). Temos sempre uma apropriação de afeto sobre os objetos que nos cercam e que é duradouro, independente do tempo. “A emoção é a própria propagação de um acontecimento passado, presente ou vindouro, real ou imaginário, na relação do indivíduo com o mundo”, exposta em momento provisório e que é originado de um fato no qual o “sentimento se cristaliza com uma intensidade particular: alegria, cólera, desejo, surpresa ou medo” (Le Breton, 2009, p. 113).

No que diz respeito à memória, as ocorrências para se gerar um afeto podem ser muitas. A lembrança de algo bom traz consigo uma memória afetiva positiva e pode ser ativada ao rever ou recordar de uma situação que levará a este sentimento, todavia vai depender do tipo de afeto obtido no momento da circunstância lembrada.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA OBSERVAÇÃO AFETIVA E TELE-AFETIVA DA MEMÓRIA

Como suporte metodológico, esta investigação se apropria das técnicas propostas para a categorização de dados, da análise de conteúdo,

de Laurence Bardin. A autora (2011) defende que os critérios para categorização podem ser semânticos (categorias temáticas), sintáticos (verbos, adjetivos), de léxico (sentido das palavras, sinônimos) e expressivos (categorias que expressão conflitos diversos da linguagem).

Para esta pesquisa optamos pela categorização semântica, no sentido de estabelecer categorias temáticas e, a partir disso, estudá-las, conforme os elementos que aparecerão no discurso dos telespectadores ao escreverem no Twitter suas falas envolvendo a telenovela *Cambalacho*. A opção por este programa é justificada, visto a sua estreia ter acontecido no dia 24 de agosto de 2015, período em que foi possível coletar e tratar os dados. Além disso, trata-se de uma atração exibida cerca de 30 anos antes³, tempo significativo para verificarmos nos comentários dos telespectadores, as suas memórias em relação à história e à época em que a telenovela foi ao ar pela primeira vez.

Cambalacho foi exibida no Brasil em 1986 e conta a história de dois “cambalacheiros” que fazem seus “trambiques” para ganhar a vida e sustentar os filhos adotivos de Leonarda Furtado, protagonista da trama. Com algumas histórias paralelas, em situações engraçadas, fizeram da narrativa um grande sucesso no horário das 19 horas na Rede Globo⁴.

Para a coleta dos dados utilizamos um *software* de monitoramento em sites de mídias sociais, que possibilitou classificar os *posts* publicados entre os dias 24 e 29 de agosto de 2015. Como justificativa deste *corpus*, seguimos os índices de engajamento divulgados pelo Canal Viva, que mostra um aumento nas taxas de participação do telespectador nas redes sociais nos períodos de estreias e retas finais das telenovelas. Outro ponto que justifica a escolha de seis dias é que “fecha” a semana de exibição de uma telenovela. Elas iniciam nas segundas e terminam nos sábados. Culturalmente, temos este fluxo horizontal na programação televisiva.

AS MEMÓRIAS NAS FALAS DOS TELESPECTADORES DE *CAMBALACHO*

As primeiras percepções que obtivemos com a separação dos dados diz respeito à relação de saudade que encontramos nas falas dos telespectadores. “Infância”, “saudades”, “retorno”, “lembranças”, “saudosa”, “nostalgia” e “retorno” são algumas das expressões que aparecem nos comentários.

³ Intervalo de tempo entre a primeira exibição na TV Globo, em 1986, e a estreia no Canal Viva em 2015.

⁴ Retirado de <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/cambalacho/trama-principal.htm>

- Vamos vê #Cambalacho @canalviva novelas da minha infância! #FernandMontenegro #Guarnieri #MarioLago #NataliaDoValle #Perigosa #TinaPeper
- RT @nononono: Tava aqui assistindo #Cambalacho e bateu uma sdds tão grande de vcs q doeu mais que unha encravada. Precisei aparecer pra man?
- Tava aqui assistindo #Cambalacho e bateu uma sdds tão grande de vcs q doeu mais que unha encravada. Precisei aparecer pra mandar um abraço ?
- RT @nononono: Sdds desse visu anos 80 ?? #Cambalacho #CambalachoNoViva
- Ver #Cambalacho traz uma nostalgia tão gostosa daquele tempo.
- @nononono @VivoNoViva delícia, né? #Cambalacho promovendo o retorno dessas lembranças.
- Saudade dessas vilãs caricatas #Cambalacho
- Saudosa Consuelo Leandro @canalviva #Cambalacho
- Quantos atores saudosos e maravilhosos em #Cambalacho ... :)
- Que trilha sonora gostosa de #Cambalacho Saudades

Nesses comentários, percebemos que a memória evocada com a telenovela trouxe lembranças de algo vivido. O primeiro ao rever as cenas, reminiscência de quando era criança surgiram. No segundo, ao comparar a saudade com uma dor sentida, leva-nos a entender uma memória emocional que foi resgatada, retomada com o que foi assistido. No terceiro, a saudade do visual, das roupas e estilos dos anos 80.

Dois outros comentários, também, apresentam apelos emocionais e evocam uma satisfação positiva ao lembrar o passado. Ao analisarmos estas falas, “Ver #Cambalacho traz uma nostalgia tão gostosa daquele tempo.” e “@Nononoono @nononono delícia, né? #Cambalacho promovendo o retorno dessas lembranças.”, notamos a sensação de prazer ao reviver recordações com a história de *Cambalacho*. Um chega a direcionar a conversa para dois perfis, propondo um diálogo sobre como é gostoso relembrar com a telenovela.

Estas manifestações obtidas por recordações, nos faz analisar que certamente a memória destes telespectadores é coletiva, conforme explicado por Halbwachs (2003). Para ele, nossas lembranças são acionadas por outros, mesmo quando estamos sozinhos. Não é necessário que outras pessoas estejam conosco, materialmente, no momento da lembrança.

O que presenciamos nestes comentários dos telespectadores são memórias repletas de saudades e nostalgia que certamente se formaram neste contexto coletivo. Mesmo se um destes estivesse assistindo *Cambalacho* em 1986 sozinho, em sua sala de estar, havia uma coletividade presente naquele contexto. Os grupos de referência poderiam não estar fisicamente no local com este indivíduo, mas atribuía com ele uma ligação que construiu um pensamento e com isso uma memória.

As personagens da telenovela exercem uma função essencial na reconstrução da memória dos telespectadores. Elas, também, fazem parte da percepção que evocam a lembrança de um tempo vivido.

Tá passando #Cambalacho no Viva, hahaaha, eu era bem piazinho qdo passava mas lembro dessa novela, principalmente da 'Tina pepper', massa d+

Neste *post*, percebemos que a personagem Tina Peper marcou este sujeito e, ao estar diante dela pela televisão, lembrou de quando era “pia-zinho”, tradução popular para menino pequeno, criança, em algumas regiões do país. A expressão “massa d+” exalta a importância dessa recordação para ele. Percebemos, ainda, como este perfil se diverte com essa lembrança, ao escrever “hahaaha” e que mesmo criança quando a história foi exibida pela primeira vez, recorda-se dela.

Para ocorrer a lembrança, segundo Halbwachs (2003), é preciso preencher alguns espaços vazios do cérebro. Personagens como Tina Peper, para este usuário, constituiu um desses elementos de preenchimento. A sensação gostosa ao rever a cena e lembrar de sua fase como “pia-zinho” é percebida em sua fala. Importante pontuarmos que Tina Peper é o nome artístico da personagem de Regina Casé, mas que aparece somente na metade da história. O que este telespectador assistiu foi a “Tina” sem ser ainda a cantora que imitava Tina Turner⁵. Todavia, além destas, algumas outras memórias vieram também nos tweets abaixo:

⁵ Cantora norte-americana que vendeu mais de 5 milhões de discos ao lançar em 1983 o seu quinto álbum. Em 1985 se tornou mundialmente conhecida com a sua participação no filme *Mad Max Beyond Thunderdome*, que além da atuação deu voz a trilha sonora com a música “One of the Living”.

Eu não sei se lembro de cambalacho de quando passou (86) ou só de reprise lembrei q qdo ia ao centro de SP nesta época, ficava procurando os luminosos da novela! #cambalacho

Nesses primeiros, a palavra lembrança compõe a frase e mostra o que a telenovela fez recordar. Um sobre a dúvida se assistiu *Cambalacho* em 1986 ou se na reprise, no *Vale a pena ver de novo*, em 1991 e o outro se referindo aos letreiros luminosos no alto dos prédios mostrados na história. Em ambas as falas, os telespectadores querem se referir a algo lembrado ao rever as cenas.

Já nas demais, as recordações, são pontuadas, mesmo sem o verbo lembrar. Trazem como comentário a lembrança da infância e o que estavam fazendo ou o que faziam na época de *Cambalacho*.

Eu tinha 10 anos quando passou #Cambalacho

Eu tinha 9 anos quando passou #Cambalacho na TV e fazia uma paródia da novela no jornal do colégio. Estava na 4ª série.

RT @nononono: Como eu achava que era SP na minha infância...Letreiros piscando por todos os prédios...kkkkk #Cambalacho

Como eu achava que era SP na minha infância...Letreiros piscando por todos os prédios...kkkkk #Cambalacho

#Cambalacho me faz voltar a ser criança... <3 <3 <3

O fato de lembrar que estava com 10 anos e que com nove fazia na escola uma paródia da telenovela e que *Cambalacho* o fez voltar a ser criança, demonstra que a memória, de acordo com Halbwachs (2003), pode vir a se manifestar quando visitamos lugares. Isso nos relembra fatos únicos e pessoais, os quais estão ligados a outros sujeitos. Ao revisitar as imagens em *Cambalacho*, esses telespectadores voltaram no tempo de infância e logo lembraram de algumas ações quando a telenovela foi exibida em 1986. Esses valores podem vir de várias formas, de um sonho, de uma imaginação ou de algo conquistado. Quanto mais impactantes os acontecimentos vividos, mais fortes serão nossas lembranças tempos depois.

Os próximos comentários continuam apresentando sentimentos ao rever *Cambalacho*.

Acabei de fazer o jantar, tomei banho e vim ver Cambalacho. Exatamente como eu achava que seria minha vida adulta nos anos 80 hahaha

@nononono A minha 1ª trilha sonora internacional que eu comprei foi da novela Cambalacho

A projeção de uma vida adulta em 1986 e a primeira trilha sonora comprada são elementos constitutivos de valores. Podem estar inseridos no que Le Breton (2009) chama de emoções não fixas. Acentuamos ou amenizamos o sentido dado à memória conforme vamos experimentando e vivendo os acontecimentos. Exemplo disso é o fato de que sempre que nos deparamos com algum evento ou testemunho novo, que nos evoca uma lembrança, percebemos algo diferente sobre o que tínhamos em mente. No caso de *Cambalacho*, o telespectador lembrar da sua primeira trilha sonora, consiste num elemento revisitado, que lhe trouxe esta recordação, mas com um sentimento diferente do passado. Não é o mesmo ambiente e nem as mesmas circunstâncias de tempos atrás. Nesta frase, não vimos adjetivos ou verbos que possam nos mostrar que tipo de emoção foi sentida, todavia, pela relação estruturada, constituiu uma memória que para nós é afetiva. Esta reconstrução ocorre em função da transferência afetiva que a televisão pode ocasionar. Para Ferrés (1998), ocorre quando transportamos sentimentos ao assistir uma cena. Essas transferências podem ser positivas ou negativas em relação a algum objeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta investigação, percebemos que os “quadros sociais”, os grupos de referência, contribuem para os afetos mostrados nas memórias dos telespectadores de *Cambalacho*. Como explicado por Halbwachs (2003), a memória é coletiva por estarmos constantemente ligados aos grupos de convívio. A televisão consiste em um dispositivo que produz imagens e lembranças constantes aos telespectadores. Ao reprisar um programa, expõe elementos que serão percebidos e, com isso, uma recordação será impulsionada. O arquivo televisivo carrega consigo esta qualidade de rememorar um tempo passado.

Consideramos a televisão um suporte na constituição da memória coletiva. Ela faz parte desta coletividade que vivemos. Estamos diante dela, assistindo, conversando com amigos e familiares e se emocionando. Nela os telespectadores revisitam os “lugares” e as recordações aparecem.

Preenchem os vazios do cérebro e as imagens televisivas funcionam para ativar uma lembrança e conseqüentemente emoções.

Ao analisar as falas dos telespectadores de *Camabalacho*, como recorte para entendermos a função da memória afetiva e tele-afetiva, podemos argumentar que há elementos que manifestam estas aplicações. A saudade, a diversão e a nostalgia encontradas nas frases publicadas pela audiência da telenovela, mostraram que a memória é impregnada por afetos. Neste artigo, atingimos o objetivo proposto, discutimos a função da memória dos telespectadores do Canal Viva, ao estabelecer uma relação tele-afetiva formada por uma programação *déjà-vu*. A televisão estabelece uma relação tele-afetiva com a audiência por trazer reminiscências, funcionar como um lugar de revisitação e proporcionar efeitos socializadores e pulsantes por meio da memória, estabelecendo novas perspectivas sobre interação e recepção da programação

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bergson, H. (1999). *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ferrés, J. (1998). *Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas*. Porto Alegre: Artmed.
- Halbwachs, M. (2003). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- Huysen, A. (2000). *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- Le Breton, D. (2009). *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Orozco, G. (2014). Televisão: causa e efeito de si mesma. In M. Carlón & Y. Fachine (Eds.), *O fim da televisão* (pp. 96-112). Rio de Janeiro: Confraria do Vento.
- Wolton, D. (1996). *Elogio do grande público: uma crítica da televisão*. São Paulo: Ática.

Citação:

Júnior, M. A. B. (2018). O *déjà-vu* na televisão: enunciações de uma memória tele-afetiva. In M. Oliveira & S. L. Évora (Eds.), *Livro de atas do XII Congresso da Lusocom – Cibercultura, regulação mediática e cooperação* (pp. 397-407). Braga: CECS.